

A cultura política de Ênio Silveira e o engajamento intelectual na Revista Civilização Brasileira (1965-1968)

Ozias Paes Neves

Resumo: Buscaremos refletir sobre a trajetória de Ênio Silveira, proprietário da Editora Civilização Brasileira, criador e editor da Revista Civilização Brasileira - RCB. Para tanto utilizaremos suporte teórico da história intelectual tendo como ferramenta o conceito de cultura política para circunscrever a análise desse intelectual engajado; buscamos investigar a atuação do editor, especialmente no cenário político da década de sessenta no Brasil após o golpe militar.

A conjuntura da sociedade brasileira em meados do século XX era marcada por tensões em face dos diferentes projetos modernização, sendo recorrentes os embates entre forças conservadoras, liberais, progressistas e comunistas. A atuação de Ênio e em especial a RCB emergem nesse quadro conflituoso diante de fortes tensões externas marcadas pela Guerra Fria e internas como o populismo, antipopulismo e o autoritarismo. Para tratar desse quadro complexo recorreremos à história intelectual que se delimita pelo seu caráter pluridisciplinar no entrecruzamento da história, filosofia e sociologia, sendo cabível abordá-la sob dois eixos: a) o funcionamento de uma sociedade intelectual e b) as características de um momento histórico e conjuntural (RODRIGUES, 2002, p.12). Privilegiaremos a leitura de um texto em relação ao seu contexto, ou seja, as articulações internas e externas, valendo-nos dessa dupla tarefa da história intelectual “pensar a restituição de um pensamento por si próprio, em sua lógica singular, em seu momento de enunciação, em seu contexto histórico preciso de aparição, sem deixar de lado a mensagem que ele carrega tempo afora até nossa atualidade, o modo como nos fala de nossa contemporaneidade” (DOSSE, 2004, p. 194).

Com a aplicação das referências teóricas e metodológicas da história intelectual ao nosso objeto de análise faremos algumas relações entre a formação, o perfil e a cultura política que forjaram o intelectual engajado Ênio Silveira e um dos seus principais objetos editoriais: a Revista Civilização Brasileira (1965-1968). A RCB foi um marco na cultura política brasileira trazendo textos inovadores de autores de diversos matizes como Marcuse, Gramsci, Walter Benjamin, Florestan Fernandes, Francis, Luciano Martins etc; e se estabeleceu como um contraponto de resistência cultural ao regime militar. Ao considerarmos as enormes adversidades da conjuntura e a forma pela qual a edição soube jogar segundo as regras do jogo político até o limite, indo até a transgressão, e permanecendo na regra (BOURDIEU, 1996, P. 44). Para compreendê-la precisamos direcionar o olhar para a figura de Ênio e a sua forma de conduzir e o grupo que construiu, segundo Leandro Konder “o surgimento da RCB, por exemplo, em 1965, deveu-se diretamente à atuação de Ênio Silveira, que figura como seu ‘diretor-responsável’ (...), mas não é apenas um veículo dos intelectuais insatisfeitos com o golpe ou os rumos da ditadura trata-se, sobretudo, de uma interferência pessoal de Ênio Silveira, que se apresentava como intelectual capaz de posicionar-se à frente de uma iniciativa dessa natureza (VIEIRA, 1998, p.74).

Palavras-chave: História intelectual, engajamento, cultura política, Ênio Silveira, Revista Civilização Brasileira, Ditadura Militar.

Ênio Silveira e sua integração ao campo editorial

Os anos 50 e 60 foram alvo de crescente atividade editorial no Brasil em grande parte direcionada a apontar caminhos sobre o desenvolvimento de projetos nacionais, muitas revistas, jornais e publicações alternativas surgiram como *estruturas elementares* dessa esfera pública (CZAJKA, 2004, p.53) entre as quais poderíamos citar a Revista Brasileira, dirigida por Caio Prado Junior, a Folha da Semana, com direção de Arthur Poerner, o Pif-paf com direção de Millor Fernandes, os Cadernos do Povo Brasileiro, sob a direção de Moacyr Felix, a Revista Tempo Brasileiro, dirigida por Eduardo Portella. Nesse quadro Ênio Silveira foi figura de destaque e dirigiu ou editou vários periódicos importantes como o Reunião, a revista Paz e Terra, a Revista Política Externa Independente, além da mais emblemática: a Revista Civilização Brasileira. Dessa forma, ainda que delimitássemos nosso recorte à atividade de Ênio Silveira estaríamos diante de um enorme campo que excederia essa comunicação, portanto cingiremo-nos à sua formação como intelectual engajado e a colaboração na construção da RCB até o AI-5.

A carreira de Ênio foi marcada pela direção e propriedade da Editora Civilização Brasileira, nasceu em 1925 e provinha de família que cultivava de forma ampla a esfera intelectual, segundo o próprio Ênio

.... É evidente que eu sou produto de minha geração grei. Desde a minha mais tenra idade eu vivi num ambiente altamente cultural. Meu avô, Valdomiro Silveira, era escritor. Meu pai, advogado, era também contista. Meu tio Miruel era contista. Meu tio Agenor era poeta, meu tio-avô, enciclopedista e pesquisador. Então eu, desde menino, vivi num ambiente altamente culto, no qual o livro era a entidade máxima, à qual todos voltavam um respeito quase religioso. Assim, quando eu cheguei à idade da leitura, quando comecei a ler, meus presentes de aniversário eram livros. Quando eu cresci um pouco e comecei a estudar outras línguas, meu avô me deu a assinatura de um jornal e de uma revista francesa. Em casa, nossas discussões eram sempre voltadas para a coisa cultural. Eu sou um produto da minha família (VIEIRA, 1998, p.71).

Devido aos seus laços familiares com a cultura Ênio começou a trabalhar na área em 1944 quando foi apresentado por sua amiga Leonor Aguiar a Monteiro Lobato¹, entre os dois se desenvolveu uma relação de simpatia e o futuro editor recebeu indicação para que procurasse Octalles Marcondes Ferreira, com quem Lobato fundara a Companhia Editora Nacional. Nela iniciou seu trabalho e em dois anos rapidamente ascendeu à uma das diretorias. Casou-se com Cléo, filha de Octalles e foi enviado para Nova York em 1946, ocasião em que parou sua formação universitária junto a Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. Em Nova York fez contatos com empresários e editores, fez estágio junto a editora Alfred Knopf no curso de extensão em sociologia e antropologia da Universidade de Columbia. Em entrevista Ênio Silveira admitiu que “minha práxis política foi muito ‘treinada’ no Partido Comunista norte-americano, graças a dois escritores Richard Whright e Howard Fast. Depois eles abandonaram o partido” (FERREIRA, 2003, p. 21).

Para analisar a figura do editor propomos a utilização do conceito de *cultura política*, que segundo Serge Berstein é “uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas (...) a cultura política constituía um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama” (BERSTEIN, 1998, p. 350). Pode-se inferir uma relação de sociabilidade e de transferências que permite a gênese precoce da atividade editorial de Ênio, pois ainda muito jovem fazia parte de um ambiente intelectual diversificado e convivia com editores e suas práticas compartilhando por certo do seu raciocínio interno de grupo, some-se a isso as trocas de aprendizagem com diversas as editoras e com partido comunista norte-americano o que nos remete a uma prática plural.²

Quando retornou ao Brasil procurou conferir caráter próprio aos empreendimentos editoriais, mudou-se para o Rio a pedido do sogro e trabalhou na Editora Civilização Brasileira³, então uma mera subsidiária da Companhia Editora Nacional que estava com problemas financeiros.

A partir de sua experiência nos Estados Unidos investiu em alterações no âmbito interno da editora e buscou apartá-la da mera condição de apêndice que publicava o refugo da Companhia Editora Nacional. Fez investimentos na formação de um plantel de jovens intelectuais engajados, concomitantemente explorou o rendoso filão dos livros didáticos e de autores clássicos. Ênio trouxe novas técnicas de publicação dos Estados Unidos modificando as formas de apresentação das capas dos livros para torná-los mais atraentes ao seu público, bem como imprimindo-os em brochura aparada, sem necessidade de abrí-los com espátula. A explicação na mudança dos métodos de administração de Ênio pode, em parte, ser compreendida, como hipótese preliminar, a partir do conceito de transferências culturais⁴ de valores e práticas advindos do contato do editor com o ambiente cultural norte-americano no período em que lá desenvolveu atividades.

Porém, as mudanças administrativas não foram as únicas transformações ocorridas, conjugando-se a esse fator percebemos que suas posições políticas contribuíram para o rompimento comercial com seu sogro. Aliás, o conceito de *cultura política* emprestado de Berstein aponta com “a hipótese das investigações sobre a cultura política é que esta, uma vez adquirida pelo homem adulto, constituiria o núcleo duro que informa sobre as suas escolhas em função da visão do mundo que traduz” (BERSTEIN, 1998, P.359). Dessa forma compreendemos o comportamento de Ênio Silveira que ao publicar, junto com um grupo do ISEB os *Cadernos do Povo*. Coleção editada em 1964 que visava explicar à população alguns conceitos de política, tais como povo, imperialismo etc; tal comportamento somado a pressão que sucedeu a ele pelas organizações educacionais católicas que adotavam livros didáticos distribuídos pela Companhia Editora Nacional resultaram em rompimento comercial, porém não de amizade entre os mesmos. Ênio comprou a Editora Civilização Brasileira de Octalles, segundo suas próprias palavras em um negócio de ‘pai para filho’, fazendo parte do acordo também que a Editora Civilização Brasileira retirar-se-ia também do mercado dos livros didáticos que representavam 40% do faturamento da empresa no momento (FERREIRA, 2003, p.68). Logo, vê-se que aliada às diferenças culturais havia ainda o filtro das sociabilidades como chave explicativa do comportamento de Ênio e seu sogro e amigo Octalles.

No Brasil desse período tivemos o recrudescimento das oposições entre forças conservadoras e progressistas; a direita se agitava e formara uma série de agrupamentos como o Movimento Anticomunista (CAC), a Organização Paranaense Anticomunista (OPAC) a Cruzada Libertadora Militar Democrática (CLMD). Dentro desse processo, no final dos anos 50 e anos 60 fundando institutos como o IPES e o IBAD forças representativas da direita e que promoveram distúrbios abalando a frágil experiência democrática brasileira (TOLEDO, 1991, p. 86). Em 1963, contrapondo-se aos referidos órgãos Ênio e diversos intelectuais, participaram, com a aprovação do PCB, da criação do Comando dos Trabalhadores Intelectuais – CTI - “que se propunha a participar da formação de uma frente única, democrática e nacionalista, ao lado de outras forças populares reunidas no movimento pela melhoria das estruturas da sociedade brasileira” (PECAUT, 1990,p. 143).

Com o golpe militar e a implantação gradual do regime de exceção tivemos ampliado o clima de fechamentos cerrando-se as portas do ISEB, colocando-se sob investigação seus membros, a História Nova⁵ e o próprio Ênio Silveira que foi alvo de 7 IPM’s durante o regime militar e várias vezes esteve preso.

Por outro lado, com o golpe a legitimação do intelectual dava-se com a intransigente oposição ao regime militar e a Editora Civilização Brasileira, que contava também com uma

livraria tornou-se local onde aconteciam muitos encontros informais entre membros de um grupo intelectual fomentando uma rede de sociabilidade em torno de Ênio opondo-se às forças do regime estabelecido.

Nesse aspecto pode-se lançar a hipótese de que a precoce formação de Ênio, sua convivência com o partido comunista americano e sua postura de editor - não escritor⁶ - facilitava os contatos e a abertura que conferiu aos seus empreendimentos editoriais. Assim, tem-se que a editora passou a ser o principal ponto de encontro, espécie de veículo de divulgação da intelectualidade, especialmente carioca no início, de oposição ao Regime.

A afirmação do intelectual engajado em tempo de crise: Ênio Silveira e a Revista Civilização Brasileira

Em resposta ao golpe a Editora Civilização Brasileira marcou sua posição utilizando-se de suas publicações e outras estratégias; em maio de 1964 foi estendida em frente à livraria uma faixa com os seguintes dizeres “a poesia é a arma do povo contra a tirania”, meses depois o Editora Civilização Brasileira publicou o livro de Moacyr Felix *Canto para as transformações do homem*, libelo em defesa das liberdades democráticas, também saindo da sua linha editorial os primeiros trabalhos que avaliavam o golpe tais como *O Golpe começou em Washington* de Edmar Morel, *O Brasil no espelho do mundo*, de Otto Maria Carpeaux e *O Golpe de Abril* de Edmundo Moniz Bandeira. Desse grupo surgiu a *Revista Civilização Brasileira* – RCB. Segundo Leandro Konder

... o surgimento da Revista Civilização Brasileira, por exemplo, em 1965, deveu-se diretamente à atuação de Ênio Silveira, que figura como seu ‘diretor-responsável’ (...), mas não é apenas um veículo dos intelectuais insatisfeitos com o golpe ou os rumos da ditadura trata-se, sobretudo, de uma interferência pessoal de Ênio Silveira, que se apresentava como intelectual capaz de posicionar-se à frente de uma iniciativa dessa natureza (VIEIRA, 1998, p. 74).

A RCB foi principal o marco da exteriorização da cultura política desenvolvida na rede de sociabilidade de Ênio Silveira. Entre março de 65 até a edição do AI-5 em dezembro de 1968, quando encerraram-se as publicações foram publicados 22 exemplares regulares e três volumes especiais. A experiência da RCB vincula-se a experiência editorial da época como a *Revista Brasiliense* no campo nacional e *Les Temps Modernes* de Jean-Paul Sartre e *Il Politécnico* de Elio Vittorini da Itália⁷, no plano internacional, seu primeiro exemplar foi publicado em março de 1965 e continha um editorial de *Princípios e Propósitos* da revista

... o povo brasileiro está agora diante de um grande e sério desafio: será capaz de, superando falhas e contradições, superar também as forças que se opõem ao desenvolvimento do País numa linha democrática e independente? Será capaz de abandonar formulações meramente especulativas e, através de estudo objetivo de todas as componentes da realidade nacional, equacionar e depois resolver seus graves problemas? Terá capacidade para destruir os mitos e clichês que dificultam ou impedem aprofundamento maior desse estudo? Cremos que sim. Cremos, também, que esta tarefa, nessa quadra, caberá principalmente aos intelectuais. Em seus variados campos de atuação e de pesquisas, serão eles os que, acima de injunções ou posições partidárias poderão estudar em seus mínimos pormenores a complexidade da vida brasileira (SILVEIRA, RCBv1, 1965, p. 03).

Ênio Silveira, atuando como intelectual engajado, no modelo sartriano⁸, constava como editor chefe e Roland Corbisier secretário geral. Marcavam posição colocando em alto posto o ex-diretor do ISEB, órgão investigado e fechado à força logo após a instauração do regime. Tal fato a situava inequivocamente na nova conformação de forças da política brasileira como adversária do regime militar⁹.

A recepção do público à revista foi muito significativa, no segundo volume há uma nota de agradecimento que apontava o esgotamento de 10 mil exemplares em apenas 25 dias. Ênio

Silveira destacou tiragem de vendas de 20 mil exemplares e Luis Renato Vieira fala em 40 mil (SILVEIRA, 1997, p. 158). Ênio, através da Editora Civilização Brasileira, publicava e também dirigia a revista *Política Externa Independente*, que teve curta duração com a edição de apenas 3 exemplares semestrais. A editora distribuía ainda a revista como a *Paz e Terra*, dirigida por Moacyr Felix que se destinava à esquerda católica.

A RCB publicou mais de 500 textos podendo-se contabilizar entre eles mais de 250 autores, muitos dos quais escrevendo sob pseudônimos, tal como Marco Antônio Coelho que assinava seus artigos como Assis Tavares. As dificuldades para publicação eram muitas, em face das condições políticas do momento e também de problemas econômicos que foram criados para Editora Civilização Brasileira desde a edição do golpe, segundo Ênio Silveira

lançamos a Revista Civilização Brasileira, em formato e grossura de livro, com artigos longos. Era uma revista de estudos brasileiros e internacionais, políticos, econômicos, sociológicos e literários feitos por pessoas de alto nível intelectual, brasileiras e estrangeiras. Naquele período em que a vida cultural era controlada pela ditadura, pela censura, pelas repressões de toda natureza, havia tanta vontade e tanto desejo de comunicação e de abertura de horizontes, que a revista, apesar de séria e até ‘pesada’, teve uma tiragem inicial de 20 mil exemplares. Durante anos ela foi a maior revista cultural do mundo. Jean Paul Sartre, um dia, disse-me que a revista da qual era diretor *Temps Modernes*, publicada numa língua universal, o francês, tinha uma tiragem menor que a Revista Civilização Brasileira. Foi um feito verdadeiramente raro. Não há universidade no mundo que não tenha a coleção completa, e continuo recebendo freqüentes pedidos de números da revista para completar a coleção (SILVEIRA, 1997, p. 158).

O comportamento dos seguidores do regime militar para impedirem o avanço da esquerda intelectual, e em especial a *Revista Civilização Brasileira*, se constituíram em várias ordens, como prisões de intelectuais, intimidações com sucessivas convocações para ‘depor’ em IPM’s, a apreensão de livros e até mesmo a realização de dois atentados a bomba contra a livraria da Civilização Brasileira, o primeiro deles ocorrido em 1968.

A convocação para depor em IPM’s era mecanismo de pressão sobre os intelectuais, uma vez que tal inquérito era procedido sem a inspeção judicial, ficavam a encargo de militares, que inquiriam ao seu gosto as testemunhas, por vezes recusando-se a mencionar os métodos, assuntos e paradeiros até mesmo para seus superiores hierárquicos¹⁰.

Além da censura e da apreensão pura e simples, os militares também desenvolviam estratégias para elidir a produção, distribuição e comercialização das obras. Para impedir a produção trataram de impedir o acesso da Editora Civilização Brasileira, que editava a RCB aos bancos oficiais, o que dificultava sobremaneira a comercialização, afinal, não havia a possibilidade atual de manejo em praças longínquas. Os militares também buscavam impedir as vendas das obras da civilização brasileira junto aos pontos comerciais ameaçando os livreiros. Essas e outras circunstâncias tornaram a situação econômica da editora Civilização Brasileira grave, havendo inclusive pedido de concordata em 1966¹¹. Frente a tais dificuldades Ênio criou na RCB uma seção intitulada *Documentário* com vários ‘relatos’ das ações que os militares perpetraram contra a RCB, a Editora Civilização Brasileira e à sociedade brasileira de uma forma geral. Em 1965, numa das prisões de Ênio Silveira, logo após a publicação dos dois primeiros volumes da revista e das suas famosas Epístolas ao Marechal¹², houve profunda comoção entre vários integrantes do ambiente intelectual, inclusive objeto de vários editoriais em jornais brasileiros como *Última Hora*, *Correio da Manhã*, *Folha de São Paulo*. Esses editoriais foram publicados no volume 3 da revista, na referida seção de documentário. Seguindo o seu discurso de espaço democrático e jogando com o seu público leitor além de referidos editoriais foi publicado também o editorial do Jornal do Brasil de 28.5.65 intitulado *Ócio Glorificado* atacava os IPM’s de uma forma ‘curiosa’ assinalando

... quando exorbitam de sua missão específica, os IPM’s sempre desservem, pelas

conseqüências práticas que acarretam. No caso de prisões de nomes sem expressão, o resultado é o oposto ao pretendido: é assim que se criam heróis da noite para o dia. (...) Há muito também um pouco de vaidade e muito de pedantismo no vício de cultivar o ressentimento como forma de atuação política com inclinação ideológica. Escritor frustrado tende a ser de esquerda, naturalmente. E há quem não escrevendo mais (sic.) editando, acabe convencido de que exerce também uma atividade intelectual. Prendendo figuras desse universo pequeno – uma subelite ociosa, que acorda tarde porque vara as noites sem ter o que fazer, em bares de prestígio noctívago – os IPM's fogem à sua missão histórica, desviando-se do alvo que buscam, para glorificar figuras de segunda, terceira e quarta classe (RCB3, 1965, p.343).

Logo depois desse editorial a RCB fez constar um manifesto de seiscentos intelectuais brasileiros em favor da soltura de Ênio Silveira, publicado no dia seguinte (29.5.65). Não se pode interpretar ingenuamente que esse procedimento da revista seja uma abertura à crítica externa a seus membros, evidentemente transparece uma estratégia onde o contexto expunha o emissor ao ridículo, pois esse entendimento conservador e seu discurso ficavam deslocados, deixando transparecer ainda mais a sua 'monstruosidade'. Ou seja, para ressaltar suas qualidades democráticas e sua importância, demonstrava-se, dialeticamente, a intolerância e o desequilíbrio dos seus adversários.¹³

Portanto, aquilo que não estava dito, mas era o subentendido, enaltecia os seus membros, inclusive enquanto figuras democráticas enquanto grupo social e os ligava ao seu público leitor. Os leitores da RCB, ou seja, o segmento que partilhava em grupo de seus ideais conseguiam perceber claramente a mensagem passada com a publicação de um editorial claramente contrário ao seu editor, mas que ali ficava totalmente deslocado, como que denegrindo toda a leitura da sociedade dos adversários da RCB. A compreensão dos leitores pode ser aventada porque "toda cultura é cultura de um grupo. a história cultural é indissociavelmente social, dado que está ligada ao que diferencia um grupo de outro. (...) só existe cultura partilhada, a cultura é a mediação entre os indivíduos que compõem grupo. é o que estabelece comunicação e comunidade" (PROST, 1998, p.123).

Os intelectuais que escreviam na Civilização Brasileira sabiam quais estratégias usar em face do seu próprio público leitor. De todo modo, ressalvada a limitação do âmbito de alcance da publicação¹⁴, há que se perceber ainda que o subentendido entre intelectuais e seus leitores era parte dessa estratégia de comunicação partilhada por um grupo que compunha leitores e escritores num conjunto que compartilhava de uma cultura política próxima.

Ênio Silveira quando inquirido sobre as dificuldades de publicação durante o regime militar respondeu:

Constituímos um grupo de resistência e começamos a planejar : primeiro, edição de livros usando a lição de Brecht – de que há pelo menos cinco maneiras de se dizer a verdade – lançávamos coisas que os militares, na sua belíssima e honorável ignorância não conseguiam perceber. Porque eles têm uma aversão, uma alergia total a livros, eles não tocavam em livros e, então, não liam. Como sabíamos das coisas notórias que eles não deixavam passar, conseguimos editar muita coisa (SILVEIRA, 1997, p. 154).

Diversas estratégias podem ser deduzidas das publicações dentre elas enumeramos algumas tais como a substituição do tipo publicação da capa da revista. Durante os primeiros dez volumes da RCB a capa era fosca alternando apenas a sua cor, mas a partir do endurecimento do regime se trocou a capa por outro tipo de diagramação mais atraente ao público e composta por fotos de ícones da época, vendo-se no n° 13 a figura de Mao-Tsé-Tung, no n° 14 a figura de uma mulher, nos n° s 15 e 17 a alusão à guerra do Vietnã e nos n°s 16, 18 e 19/20 a alusão à repressão militar o que, dentro do contexto do período foi significativamente mais expressivo do que a singela alteração da cor de capa, podendo significar que vedados os espaços editoriais, procurava-se, estrategicamente 'falar com a capa'.

Percebe-se ainda medidas para 'poupar' os riscos para os intelectuais mais expostos daí a supressão do conselho editorial a partir do quinto volume, assim como a eliminação das

seções temáticas a partir do volume número onze, bem como o aparecimento de vários textos anônimos foram certamente subterfúgios de que os intelectuais tiveram que se valer para continuar publicando em sua luta contra o regime militar. Nesse momento Ênio deixou de constar como dirigente da revista, apesar de sê-lo de fato. Os títulos dos artigos passaram a ser curiosos e menos diretos. Ao invés dos pouco sutis *Condições e perspectivas da política brasileira* e *O plano de ação econômica do governo Castelo Branco : porque não terá êxito* publicados no primeiro volume e *1º aniversário do golpe : quem deu, quem levou reações possíveis* publicado no segundo volume, passam a trazer outras denominações como *Flora Mutável* publicado no volume oitavo e *O trono de Macbeth* do décimo primeiro volume onde M. Cavalcanti Proença também tece sérios ataques aos militares e intelectuais por eles cooptados, mas com títulos menos chamativos. A mudança de estratégia não alterava a postura da revista chegando neste último texto a conclamar que "ao longo da História, o povo acaba sempre derrubando o muro de todos os castelos que se transformam em Bastilhas"(PROENÇA, 1966, p. 8).

Considerações finais

A trajetória da formação plural de Ênio, sua forma de encarar a atuação intelectual, marcado pela sua trajetória cultural desde os laços familiares mais antigos até a sua prática estudantil e editorial pode ser inferida da sua cultura política plural no qual se compreende a ação do agente pelas suas sociabilidades e pelo núcleo duro de sua formação cultural.

As intransigências e hostilidades do regime militar e seu recrudescimento levaram Ênio e o grupo de sociabilidade ao seu redor, remodelassem a sua atuação em face do contexto em que se encontravam e desenvolvessem uma série de estratégias de atuação para manter o foco da sua atividade cultural e política. Afinal para Ênio e seu grupo sua tarefa delimitava-se pela luta por emancipar a nação brasileira e para ele "a emancipação é lutar contra nós mesmos, contra nossos preconceitos internos, contra as limitações que nos impõem um atraso cultural, social, etc"(FELIX, 1998, p. 57).

Somente com a edição do AI-5 em dezembro de 1968 a atividade da RCB chegou ao seu final, dado o fechamento político dos militares e os 'anos de chumbo' que se seguiram. A rica atividade editorial de Ênio Silveira prosseguiu cautelosamente e na primeira brecha do sistema procurou dar sobrevida à RCB com a revista *Encontros com a Civilização Brasileira* com uma formação parecida, porém, noutra conjuntura e com outro impacto, objeto que merece outra investigação.

Referências Bibliográficas:

BASTOS, Elide Rugai; REGO, Walquiria Domingues Leão. *A moralidade do compromisso*. In: _____. *Intelectuais e política*. Campinas: Olho d'água. 1999.

BERSTEIN, Serge. *Cultura política*. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa:Estampa, 1998.p. 349-364.

CZAJKA, Rodrigo. *Redesenhando ideologias: cultura e política em tempos de golpe*. História: questões & debates. Curitiba, n. 40, p. 37-57, jan.-jun. 2004.

DOSSE, Francois. *Da história das idéias à história intelectual*. In: _____. *História e ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2004. p. 283-311.

- GIORDANO, C (ed.). *História Nova do Brasil 1963-1993*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HOLLANDA, H. B.; GONÇALVES, M. A. *Cultura e participação nos anos 60*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MOSCATELI, Renato. *História intelectual: a problemática da interpretação dos textos*. In: LOPES, Marco Antonio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 48-59.
- OLIVEIRA, Maria Izabel de Moraes de. *História intelectual e teoria política: confluências*. In: LOPES, Marco Antonio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 60-70.
- NEVES, Ozias Paese. *Revista Civilização Brasileira (1965-1968): uma cultura de esquerda no cenário político ditatorial*. Curitiba, 2006. Dissertação (mestrado em história). Departamento de pós-graduação em História, Linha Cultura e Poder, do Departamento de História, do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PROST, Antoine. *Social e cultural indissociavelmente*. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa:Estampa, 1998,p. 123-138.
- RODRIGUES DA SILVA, Helenice. *Fragments da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papyrus, 2002.
- RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. In: MORAES, J. Q de (org). *História do marxismo no Brasil*. Volume III, teorias e interpretações. Campinas: Unicamp. 1998.
- SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política, 1964-1969 : alguns esquemas*. In SCHWARZ, Roberto. *Pai de família e outros ensaios*.2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- SARTRE, Jean Paul. *Que é a literatura ?* 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- SIRINELLI, Jean-François. *As elites culturais*. In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa:Estampa, 1998. p. 259-279.
- _____. *Os intelectuais*. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 231/269.
- TOLEDO, C. N. *O governo Goulart e o golpe de 64*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 86.
- VIEIRA, Luis Renato. R. *Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998.

MATERIAL DE PESQUISA (Revistas, Documentários, Depoimentos)

APRESENTAÇÃO. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. especial 01, p. 03, nov.1967.

CARTA do Sindicato Nacional dos Editores de Livros à Direção da Editora Civilização Brasileira. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 21-22, p. 233-234, set-dez. 1968.

DUAS notas da direção. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 05-06, p. 03, mar.1966.

DUAS perdas irreparáveis. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 09-10, p. 03-06, set.-nov.1966.

FELIX, M. Ênio Silveira: Arquiteto de Liberdades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FERREIRA, J.P. (org.). Ênio Silveira. São Paulo: Edusp; Com-Arte, 2003. (editando o editor, v.3).

FRANCIS, P. 1o aniversário do golpe quem deu quem levou relações possíveis. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 2, p. 61/70, maio.1965.

MANIFESTO de intelectuais brasileiros. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, Especial 03, p. 387, set. 1968.

NOTA de abertura. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, Especial 02, p. 06, jul. 1968.

O TRONO de Macbeth. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 11-12, p. 03-11, dez.1966-mar. 1967.

Ócio glorificado. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 3, p. 343-345, jul.1965.

OLIVEIRA, Francisco. O plano de ação econômica do Governo Castelo Branco: porque não terá êxito. Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, v.01, p. 114-128, mar.65

PRINCÍPIOS e propósitos. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 1, p. 03-04, mar.1965.

PROENÇA, M. C. Flora mutável. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 8, p. 05, jul.1966.

PROENÇA, M. Cavalcanti. As duas pontas da hierarquia. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 9-10, p. 7-16, set.-nov. 1966.

SILVEIRA, Ênio. Primeira epístola ao Marechal. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 3, p. 24-5, jul.1965.

SILVEIRA, Ênio. Segunda epístola ao Marechal: sobre a vara de marmelo. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 4, p. 8, set.1965.

SILVEIRA, Ênio. A resistência no plano da cultura. In: TOLEDO, Caio Navarro de (org.) 1964: visões críticas do golpe: democracia e reformas do populismo. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SODRÉ, N. W. História da História Nova. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 3, p. 40, jul.1965.

SODRÉ, N. W. Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, v. 03, p. 38, jul.1965.

VIEIRA, Luis Renato. R. Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira. Brasília: Thesaurus, 1998.

¹ Pode-se aventar que a influência da convivência de Ênio Silveira com Monteiro Lobato possa tê-lo inspirado, em certa medida, para a idealização da Revista Civilização Brasileira. Lobato publicara entre 1916 e 1925 a Revista do Brasil que buscou atuar como porta-voz à tendências intelectuais brasileira que vislumbravam o resgate da nacionalidade brasileira, contrapondo-se a influência da cultura estrangeira (AGGIO, 2002, p 23).

² Em verdade não há que se falar apenas em cultura política, mas no seu plural, culturas políticas que convivem simultaneamente, “esta osmose entre culturas políticas muito afastadas na origem implica que, longe de constituir um dado fixo, sinônimo de tradição política, estejamos em presença de um fenômeno evolutivo que corresponde a um dado momento da história e de que se pode identificar o aparecimento, verificar o período de elaboração e acompanhar a evolução no tempo”. (BERSTEIN, 1998, p. 355).

³ “... a Civilização Brasileira foi fundada no Rio de Janeiro em 1932, pelo poeta Ribeiro Couto, pelo escritor integralista Gustavo Barroso e por um cidadão chamado ... – agora não me lembro o nome Se era Manuel, ou não sei que lá, Costa – esqueci o nome, um que era livreiro no Rio de Janeiro”. Depoimento de Ênio Silveira (FERREIRA, 2003, p. 47).

⁴ ZILÁ, Bernd. transferências culturais: diversidades e metamorfoses. “o conceito de transculturação e transferências culturais parece ser o que mais se adapta à realidade da condição pós-moderna, na qual há trocas, intercâmbios, perdas e ganhos nas passagens de uma cultura para outra, gerando produtos culturais outros que trazem as marcas indelévels tanto da cultura de origem quanto da de chegada (...) a reflexão sobre as transferências culturais é essencial para as sociedades industriais avançadas, pois permite romper com um pensamento do imobilismo comunitário, do sedentarismo e da pertença inquestionável a um lugar” (BERND, 2005, p. 215-8).

⁵ A História Nova foi uma série de livros didáticos produzidos pelo ISEB nos anos 60. Sofreu forte contestação pelos militares inclusive com apreensão do material impresso e instauração de IPM’s sobre o assunto com a prisão de vários de seus editores. Sobre o assunto vide (GIORDANO, 1993)

⁶ Sobre o assunto Leandro Konder comenta em entrevista que “...outro aspecto importante é que também entram muito as relações pessoais aí. O Ênio era uma pessoa que se dava com muitos intelectuais. Muitos intelectuais brigados uns com os outros tinham em comum a relação com Ênio e ele cultivava essas relações, como editor e como político. E ele próprio, não sendo escritor, não tinha aquelas rivalidades literárias” . Leandro Konder em entrevista (VIEIRA, 1998, p. 74).

⁷ Apenas para ilustrar esse vastíssimo campo de publicações que precederam a RCB pode-se mencionar que “Caio Prado Jr. E Elias Chaves Neto organizaram a Revista Brasiliense, publicação político-cultural, orientada pelo marxismo e pelo nacionalismo, independente e divergente das teses do PC, ainda que sem hostilizá-lo explicitamente. O Partido reage de modo crítico à revista, desqualificando-a. Por iniciativa de Oscar Niemeyer, Jorge Amado, Alberto Passos Guimarães, Moacyr Werneck de Castro e James Amado retorna Para Todos, agora intitulada ‘quinzenário da cultura brasileira’, e com autonomia em relação ao partido”. (RUBIM, 1998, p. 320).Dentro os nacionais pode-se fazer menção as mais antigas como Boletim Ariel, Espírito Novo, Progresso, Revista Proletária.

⁸ Ao delimitar o engajamento Sartre destaca que não se trata de engajar a pintura, a arte a poesia, para ele apenas a literatura em prosa tem essa capacidade de transmitir a palavra do intelectual engajado com significado, ou seja, no seu ver o intelectual engajado lida com significados e o seu império é a prosa. (SARTRE, 1999, p. 10).

⁹ Tal posicionamento ficava claro pela composição do conselho editorial que tinha significativas ligações pessoais e partidárias, podendo observar-se dentre eles Alex Viany, Álvaro Lins, Dias Gomes, Édison Carneiro, Ênio Silveira, Cavalcanti Proença, Moacyr Felix, Nelson Werneck Sodré participavam desde 1963 do CTI. Segundo Vieira, “... a análise da trajetória desses intelectuais nos fez chegar a um quadro, em que pretendemos identificar, nas vinculações institucionais, os pontos em que as carreiras e os percursos de militância cultural e política se cruzam. Temos ali relacionados os integrantes de um grupo ampliado tendo por referência a editora, de onde sairá um núcleo efetivamente mais homogêneo, incluindo principalmente aqueles que participarão do Conselho de Redação da Revista Civilização Brasileira. Na verdade, pode-se falar em um núcleo composto por

Moacyr Félix, Dias Gomes, Nelson Werneck Sodré (estes três, juntamente com Ênio Silveira. Serão os principais responsáveis pela Revista), e que também incluía Manoel Cavalcanti Proença (falecido em 1966), Carlos Heitor Cony, Osny Duarte Pereira, Alex Vianny, Paulo Francis, Álvaro Vieira Pinto, Antônio Houaiss e Ferreira Gullar

¹⁰ Havia sido montada uma máquina repressiva dentro do próprio estado ditatorial que ele não conseguia controlar, apesar de se servir dele. O terror e a intimidação se davam também pelas notícias de torturas que usualmente aconteciam ao longo desses inquéritos e do desrespeito às garantias de integridade à vida, ao corpo e aos demais direitos fundamentais. Nelson Werneck Sodré chegou a manifestar suas preocupações nas próprias páginas da Revista, destacando “... a mim, há um mês ameaçam, pelo DIP dos IPM’s, de prisão. Todos os dias, pela imprensa, pelo rádio, pela televisão, majores e coronéis afirmam que está iminente a minha prisão. Depois que um major decidiu fazer de público alusões grosseiras a um marechal (...) a disciplina e a hierarquia não foram subvertidas apenas pelos marinheiros do Sindicato dos Marinheiros (...) antes de terminar um depoimento pessoal: a intelectualidade e as demais camadas do povo brasileiro, não julguem o Exército por alguns encarregados de IPMs e por indivíduos que se fazem passar por oficiais. Acontece que sou militar e conheço a minha gente: os soldados do Brasil, os autênticos, estão tão envergonhados disso tudo quanto o nosso povo. Foi preso nos últimos dias de maio/64 por 50 dias sem saber o motivo. Saiu e foi responder IPM pelo ISEB, onde viu pareceres contra o ISEB, seu crime: escrever livros de História. Entre os livros mais apreendidos estavam *H Nova e Quem matou Kennedy* (dele), punição honrosa”. SODRÉ, N. W. *História da História Nova*. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, v. 3, p. 40, jul.1965.

¹¹ “... proibiram-nos de trabalhar com o Banco do Brasil. Ora, hoje o Brasil está cheio de grandes bancos comerciais que são bancos nacionais; naquela época, o único banco verdadeiramente nacional, era o Banco do Brasil. Assim, quem não trabalhasse com o Banco do Brasil não tinha acesso ao resto do Brasil, ao interior todo: tinha que sacar títulos, duplicatas e, em pequenas cidades, só havia o Banco do Brasil” (SILVEIRA, 1997, p. 156).

“... a situação econômica da Editora Civilização Brasileira, que pediu sua primeira concordata em 1966, agravou-se com o passar dos anos (...) Os prejuízos pessoais de Ênio Silveira nesse processo foram imensos, tendo perdido, à medida em que se agravava a situação financeira da editora todo o seu patrimônio pessoal, envolvendo imóveis e obras de arte que incluíam quadros de Di Cavalcanti e Pancetti. Além do atentado terrorista de 1968, (...) um incêndio destruiu o escritório e a livraria da Editora na Rua Sete de Setembro em outubro de 1970. Fechava-se, assim, o ponto de encontro e, segundo os entrevistados, em virtude de todas as dificuldades enfrentadas, Ênio Silveira, já não demonstrava o mesmo vigor para os embates políticos.” (VIEIRA, 1998, p.182-3). Sobre o assunto ver também (FERREIRA,2003,p. 77)

¹²
¹³ NEVES, Ozias Paese. *Revista Civilização Brasileira (1965-1968): uma cultura de esquerda no cenário político ditatorial*. Curitiba, 2006. Dissertação (mestrado em história). Departamento de pós-graduação em História, Linha Cultura e Poder, do Departamento de História, do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

¹⁴ “...falamos longamente da cultura brasileira. Entretanto, com regularidade e amplitude, ela não atingirá 50.000 pessoas, num país de 90 milhões” (SCHWARZ, 1992, p.92).